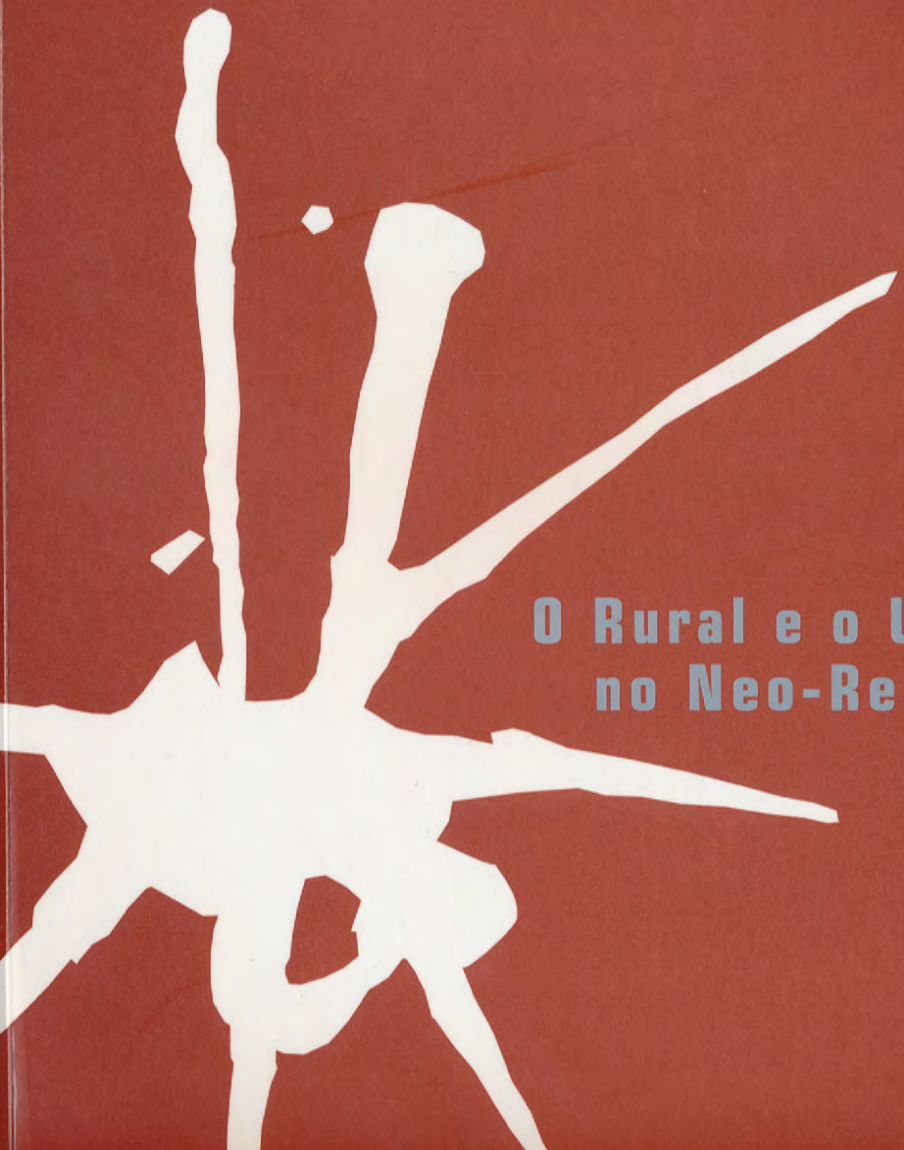
nova Síntese

textos e contextos do neo-realismo



2009 4

O Rural e o Urbano no Neo-Realismo

NOVA SÍNTESE, N.º 4 – 2009

Propriedade e Administração – Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo

R. José Dias da Silva, 2, 2.º, Vila Franca de Xira

Director – Vítor Viçoso

Director-Adjunto – António Mota Redol

Capa – Catarina Redol

Edição – Edições Colibri
Apartado 42001
1601 - 801 Lisboa

Impressão – Colibri Artes Gráficas, Lda.

Periodicidade – Anual

Preço – 13,00 €

Depósito legal – 255 070/07

ISSN 1646-5989

nova Síntese

textos e contextos do neo-realismo

ÍNDICE

1. O rural e o urbano no Neo-Realismo 7

1.1 Literatura

O rural e o urbano no Neo-Realismo
por Vítor Viçoso 9

Alves Redol, o etnógrafo ou um discurso discreto e exigente sobre o Povo
por João David Pinto Correia 23

Formosa e segura: andanças de Leonor em *Servidão*, de Assis Esperança
por Ricardo António Alves 37

O rural e urbano em José Gomes Ferreira
por Carina Infante do Carmo 49

Representações do "real" no teatro de Alves Redol
por Miguel Falcão 63

Mário Dionísio, um escritor na cidade
por Cristina Almeida Ribeiro 81

A ruralidade e a atracção da urbe na escrita de Manuel da Fonseca
e Joaquim Lagoeiro
por Domingos Lobo 93

A raia beirã, espaço paradigmático do sofrimento humano na ficção namoriana
por Armindo Azevedo Nunes 103

Romeu Correia, um neo-realista esquecido
por Alexandre Castanheira 127

Eu Queria Viver, de Manuel do Nascimento, um romance neo-realista
pela voz de uma mulher
por Fátima Faria Roque 137

A tensão entre espaço rural e espaço urbano na narrativa de Antunes da Silva
por Manuel G. Simões 149

As Duas Faces, de Alexandre Cabral
Uma leitura no ano do cinquentenário da primeira e única edição da obra
por Fernanda Damas Cabral 159

O rural e o urbano, o Neo-Real e o Pós-Moderno:
O influxo da modernidade nos romances de José Cardoso Pires
por Marcelo Oliveira 165

Visão do paraíso, realidade do inferno:
variações da antinomia campo/cidade na obra de Augusto Abelaira
por Carlos Machado 183

1.2 Artes Visuais

A ideia de cidade no neo-realismo pictórico português
por David Santos 197

Neo-realismo pictórico: uma cultura da ruralidade?
por Luísa Duarte Santos 211

2. No centenário do nascimento de Soeiro Pereira Gomes (2009) 225
O épico-lírico na obra de Soeiro Pereira Gomes
por Vítor Viçoso 227

A infância na obra de Soeiro Pereira Gomes
por Violante Magalhães 241

3. Sobre livros apresentados em sessões organizadas pela Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo 271

História, romance, história em *A Sinfonia da Morte,* de Carlos Loures
por Sílvio Castro 273

Livro de Amizade / Lembrando Mário Sacramento
por Paulo Sucena 277

4. Notícias da Casa da Achada – Centro Mário Dionísio 281

5. Actividades da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo (2007, 2008) 287

1.

O RURAL E O URBANO NO NEO-REALISMO

1.1 LITERATURA

ROMEU CORREIA, UM NEO-REALISTA ESQUECIDO

*Alexandre Castanheira**

«Um jovem cheio de talento que insuflou ao "neo-realismo" decrépito uma vida que o "neo-realismo" nunca tivera entre nós», assim sentenciou o polémico crítico literário João Gaspar Simões, no jornal *Sol* de 21 de Maio de 1949, após ter lido *Trapo Azul*, o primeiro romance publicado por Romeu Correia, no ano anterior, 1948. Mas em outro passo da sua crítica cola ao escritor um selo que faria escola em certos meios: «E o certo é que não conheço romance português de intuitos «populistas» onde o povo, na sua trivial realidade, seja evocado com mais verdade e mais força».

Quatro anos depois, já com mais dois romances publicados (*Calamento*, 1950 e *Gandaia*, 1952), Julião Quintinha, numa edição de Maio do *Diário do Alentejo*, classificava Romeu Correia: «mais observador do que ficcionista» mas reconhecendo no autor «poder evocativo» e afirmando mesmo: «sabe narrar». Com a continuação teria melhorado as suas impressões, felizmente. Mas que dizer de um cavalheiro que no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, armando-se em crítico literário teve o desaforo de chamar ao romance *Gandaia* (intitulado depois da primeira edição *Os Tanoeiros*) um «documentário folclórico» declarando não poder chamar-lhe romance, pois «um romance é uma obra de arte» enquanto que o escrito de Romeu era a sua forma de se tornar notado, lavrando então a douta sentença: «Servir o povo não é o mesmo que servir-se do povo como motivo literário»!

De facto, a sua ligação ao povo vai manter-se em toda a sua obra, até mesmo nas biografias que editou, e essa foi uma das razões para o êxito dos seus romances e mais tarde das suas comédias e dramas teatrais e ainda para ser festejado pelo mundo da boa literatura. Recorde-se como Mário Dionísio salientou essa característica da produção literária de Romeu Correia: «Trata-

* Professor Aposentado do Instituto Piaget.

Nova Síntese, 4, Edições Colibri, Lisboa, 2009, 127-136